

MARGUERITE DURAS

O AMANTE

TRADUZIDO DO FRANCÊS POR

LUÍSA COSTA GOMES

e

MARIA DA PIEDADE FERREIRA

ASA

Para Bruno Nuytten

Um dia, já eu era velha, um homem dirigiu-se-me à entrada de um lugar público. Apresentou-se e disse-me: – «Conheço-a desde sempre. Toda a gente diz que você era bonita quando era nova, vim dizer-lhe que, para mim, acho-a mais bonita agora do que quando era jovem, gostava menos do seu rosto de mulher jovem do que daquele que tem agora, devastado.»

Penso frequentemente nesta imagem que sou a única a ver ainda e de que nunca falei. Está sempre aí no mesmo silêncio, deslumbrante. É, de todas, a que me agrada de mim própria, onde me reconheço, onde me encanto.

Muito cedo na minha vida foi tarde de mais. Aos dezoito anos era já tarde de mais. Entre os dezoito e

os vinte e cinco anos o meu rosto partiu numa direção imprevista. Aos dezoito anos envelheci. Não sei se é assim com toda a gente, nunca perguntei. Parece-me ter ouvido falar dessa aceleração do tempo que nos fere por vezes quando atravessamos as idades mais jovens, mais celebradas da vida. Este envelhecimento foi brutal. Vi-o apoderar-se dos meus traços um a um, alterar a relação que havia entre eles, tornar os olhos maiores, o olhar mais triste, a boca mais definitiva, marcar a fronte de fendas profundas. Em vez de me assustar, vi operar-se este envelhecimento do meu rosto com o interesse que teria, por exemplo, pelo desenrolar de uma leitura. Sabia também que não me enganava, que um dia ele abrandaria e retomaria o seu curso normal. As pessoas que me tinham conhecido aos dezassete anos aquando da minha viagem a França ficaram impressionadas quando me voltaram a ver, dois anos depois, aos dezanove anos. Conservei esse novo rosto. Foi o meu rosto. Envelheceu ainda, evidentemente, mas relativamente menos do que deveria. Tenho um rosto lacerado de rugas secas e profundas, a pele quebrada. Não amoleceu como certos rostos de traços finos, conservou os mesmos contornos mas a sua matéria está destruída. Tenho um rosto destruído.

Tenho ainda a dizer-vos que tenho quinze anos e meio.

É a passagem de uma barça no Mékong.

A imagem dura toda a travessia do rio.

Tenho quinze anos e meio e não há estações nesta região, estamos numa estação única, quente, monótona, estamos na longa zona quente da terra, não há primavera, não há renovação.

Estou num pensionato do Estado em Saigão. Durmo e como lá, nesse pensionato, mas vou às aulas fora, ao liceu francês. A minha mãe, professora, quer o curso secundário para a sua filha. Para ti, tem de ser o secundário. O que era suficiente para ela já não é para a pequena. O secundário e depois um bom curso de matemática. Ouvei sempre esta ladainha desde os primeiros anos de escola. Nunca imaginei que pudesse escapar ao curso de matemática, sentia-me feliz em fazê-lo esperar. Vi sempre a minha mãe fazer todos os dias o futuro dos filhos e o seu. Um dia, já não estava em condições de fazer futuros grandiosos para os filhos, fez então outros, futuros colados com cuspo mas que mesmo assim desempenhavam a sua função, faziam uma barreira ao tempo à sua frente. Lembro-me dos cursos de contabilidade para o meu irmão mais novo. A escola Universal, todos os anos, em todos os níveis. É preciso recuperar, dizia a minha mãe. Durava três dias, nunca quatro, nunca. Deixava-se a escola

Universal quando se mudava de posto. Recomeçava-se no seguinte. A minha mãe aguentou dez anos. Sem resultado. O irmãozinho tornou-se um pequeno contabilista em Saigão. Como não havia escola Violet na colónia, devemos-lhe a partida do meu irmão mais velho para França. Durante alguns anos ficou em França para tirar o curso da escola Violet. Não tirou. A minha mãe não se devia deixar iludir, mas não tinha alternativa, era preciso separar aquele filho dos outros dois. Durante alguns anos deixou de fazer parte da família. Foi na sua ausência que a minha mãe comprou a concessão. Terrível aventura, mas para nós, os filhos que ficavam, menos terrível do que teria sido a presença do assassino dos filhos da noite, da noite do caçador.

Muitas vezes me disseram que era o sol demasiado forte durante toda a infância. Mas não acreditei. Disseram-me também que era a reflexão em que a miséria mergulhava as crianças. Mas não, não é isso. As crianças-velhas da fome endémica, sim, mas nós, não, nós não tínhamos fome, nós tínhamos vergonha, nós vendíamos os móveis, mas não tínhamos fome, nós tínhamos um *boy* e comíamos por vezes, é certo, porcarias, aves pernaltas, pequenos jacarés, mas essas porcarias eram cozidas por um *boy* e servidas por ele e por vezes

até as recusávamos, dávamo-nos ao luxo de não querer comer. Não, passou-se qualquer coisa quando tinha dezoito anos que fez este rosto acontecer-me. Devia ser de noite. Tinha medo de mim, tinha medo de Deus. De dia, tinha menos medo e a morte parecia menos grave. Mas o medo não me deixava. Queria matar, o meu irmão mais velho, queria matá-lo, queria vencê-lo uma vez, uma vez só e vê-lo morrer. Era para tirar da frente da minha mãe o objeto do seu amor, esse filho, castigá-la por o amar tanto, tão mal, e sobretudo para salvar o meu irmão mais novo, acreditava que era também isso, o meu irmão mais novo, o meu filho, da vida viva desse irmão mais velho a pesar sobre a dele, desse véu negro sobre o dia, dessa lei representada por ele, ditada por ele, um ser humano, e que era uma lei animal, e que a cada instante de cada dia da vida daquele irmão mais novo trazia o medo a essa vida, medo que uma vez atingiu o seu coração e o fez morrer.

Escrevi muito sobre estas pessoas da minha família, mas quando o fazia eles ainda eram vivos, a mãe e os irmãos, e escrevi à volta deles, à volta destas coisas sem ir ao centro delas.

*

A história da minha vida não existe. Isso não existe. Nunca há um centro. Não há caminho, nem linha. Há vastos lugares onde se faz crer que havia alguém, não é verdade, não havia ninguém. A história de uma pequeníssima parte da minha juventude, escrevi-a já mais ou menos, enfim, quero dizer, dei uma ideia, falo justamente desta, da travessia do rio. O que faço aqui é diferente, e semelhante. Antes, falei dos períodos claros, dos que estavam iluminados. Aqui falo dos períodos ocultos dessa mesma juventude, de certas dissimulações que teria operado sobre certos factos, sobre certos sentimentos, sobre certos acontecimentos. Comecei a escrever num meio que me impelia ao pudor. Escrever, para eles, era ainda moral. Escrever, agora, dir-se-ia que muitas vezes já não é nada. Por vezes sei isto: que a partir do momento em que escrever não é, todas as coisas confundidas, ir à vacuidade e ao vento, escrever não é nada.

Que a partir do momento em que escrever não é, todas as vezes, todas as coisas confundidas numa só, por essência inqualificável, escrever não passa de publicidade. Mas a maior parte das vezes não tenho opinião, vejo que todos os campos estão abertos, que não haveria mais paredes, que o escrito já não saberia onde se meter para se esconder, se fazer, se ler, que a sua inconveniência fundamental deixaria de ser respeitada, mas já não penso nisso antes.

*

Agora vejo que muito jovem, aos dezoito anos, aos quinze anos, tive esse rosto premonitório daquele que ganhei depois com o álcool na meia-idade da minha vida. O álcool preencheu a função que Deus não teve, teve também a de me matar, de matar. Este rosto do álcool veio-me antes do álcool. O álcool veio confirmá-lo. Tinha em mim o lugar para aquilo, soube-o como os outros mas, curiosamente, antes da hora. Tal como tinha em mim o lugar do desejo. Tinha aos quinze anos o rosto do prazer e não conhecia o prazer. Este rosto via-se muito. Mesmo a minha mãe devia vê-lo. Os meus irmãos viam-no. Tudo começou para mim desta maneira, por este rosto clarividente, extenuado, estes olhos pisados adiantados ao tempo, aos factos.

Quinze anos e meio. É a travessia do rio. Quando volto a Saigão, estou em viagem, sobretudo quando apanho o autocarro. E nessa manhã apanhei o autocarro em Sadec onde a minha mãe dirige a escola das raparigas. É o fim das férias escolares, já não sei quais. Fui passá-las na pequena casa de posto da minha mãe. E nesse dia regresso a Saigão, ao pensionato. O autocarro para os indígenas saiu da praça do mercado de Sadec. Como habitualmente, a minha mãe acompanhou-me

e confiou-me ao motorista, confia-me sempre aos motoristas dos autocarros de Saigão, para o caso de um acidente, de um incêndio, de uma violação, de um ataque de piratas, de um desastre mortal da barçaça. Como habitualmente, o motorista pôs-me junto dele à janela, no lugar reservado aos viajantes brancos.

É no decurso desta viagem que a imagem se teria destacado, que teria sido roubada ao conjunto. A imagem poderia ter existido, uma fotografia poderia ter sido tirada, como outra, algures, noutras circunstâncias. Mas não foi. O objeto era demasiado insignificante para a provocar. Quem se teria lembrado disso? Só poderia ser tirada se alguém pudesse ter previsto a importância deste acontecimento na minha vida, esta travessia do rio. Ora, enquanto esta se dava, ignorava-se até a sua existência. Só Deus a conhecia. É por isso que esta imagem, e não podia ser de outra maneira, não existe. Foi omitida. Foi esquecida. Não foi destacada, retirada ao conjunto. É a este não ter sido feita que deve a sua virtude, a de representar um absoluto, de ser justamente o seu autor.

É, portanto, durante a travessia de um braço do Mékong na barçaça que está entre Vinhlong e Sadec,

na grande planície de lama e de arroz do sul da Cochinchina, a das Aves.

Desço do autocarro. Vou à amurada. Olho o rio. A minha mãe dizia-me às vezes que nunca, em toda a minha vida, voltarei a ver rios tão belos como aqueles, tão grandes, tão selvagens, o Mékong e os seus braços que descem para os oceanos, estes territórios de água que vão desaparecer nas cavidades dos oceanos. Na planura a perder de vista, estes rios vão depressa, escorrem como se a terra se inclinasse.

Desço sempre do autocarro quando chegamos à barcaça, mesmo à noite, porque tenho sempre medo, tenho medo que os cabos cedam, que sejamos arrastados para o mar. Na corrente terrível olho o último momento da minha vida. A corrente é tão forte, levaria tudo, pedras, uma catedral, uma cidade. Há uma tempestade que sopra no interior das águas do rio. Vento que se debate.

Trago um vestido de seda natural, usado, quase transparente. Antes, foi um vestido da minha mãe, um dia ela deixou de o pôr porque o achava demasiado claro, deu-mo. É um vestido sem mangas muito decorado. É desse tom amarelado que a seda natural ganha com o uso. É um vestido de que me lembro. Acho que me fica bem. Pus um cinto de couro à cintura, talvez um

cinto dos meus irmãos. Não me lembro dos sapatos que usava nesses anos, mas apenas de certos vestidos. A maior parte do tempo ando sem meias e de sandálias de lona. Falo do tempo que precedeu o colégio de Saigão. A partir daí, evidentemente, calcei sempre meias. Nesse dia, devo trazer esse famoso par de saltos altos de lamé dourado. Não vejo mais nada que pudesse usar nesse dia, por isso uso-os. Um saldo que a minha mãe me comprou. Calço esses lamés dourados para ir ao liceu. Vou ao liceu de sapatos de noite enfeitados de pequenos desenhos em *strass*. É a minha vontade. Não me suporto senão com aquele par de sapatos e ainda agora me quero assim, estes saltos altos são os primeiros da minha vida, são bonitos, eclipsaram todos os sapatos que os precederam, os de correr e brincar, de lona branca.

Não são os sapatos o que há de insólito, de extraordinário, nesse dia, na aparência da garota. O que há nesse dia é que a menina traz na cabeça um chapéu de homem de abas direitas, um feltro mole cor de pau-rosa com uma fita preta larga.

A ambiguidade determinante da imagem está neste chapéu.

Como ele chegou até mim, esqueci. Não vejo quem mo teria dado. Creio que foi a minha mãe que